

FRIEDRICH NIETZSCHE

HUMANO, DEMASIADO HUMANO

Um livro para espíritos livres
Volume II

Tradução, notas e posfácio
Paulo César de Souza



Copyright da tradução, notas e posfácio

© 2008 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Títulos originais

Menschliches, Allzumenschliches II [1886]

Vermischte Meinungen und Sprüche [1879]

Der Wanderer und sein Schatten [1880]

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Índice remissivo

Luciano Marchiori

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Larissa Lino Barbosa

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

Humano, demasiado humano : um livro para espíritos livres,
volume II / Friedrich Nietzsche ; tradução, notas e posfácio Paulo
César de Souza. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2017.

Título original: Menschliches, Allzumenschliches II [1886]

Vermischte Meinungen und Sprüche [1879] Der Wanderer und
sein Schatten [1880].

ISBN 978-85-359-2859-4

1. Filosofia alemã 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900

3. Seres humanos 1. Souza, Paulo César de. II Título.

17-00856

CDD-193

Índice para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Obras filosóficas 193

2017

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prólogo 7

Primeira parte: *Opiniões e sentenças diversas* 14

Segunda parte: *O andarilho e sua sombra* 127

Notas 255

Posfácio 269

Glossário de nomes de pessoas 273

Títulos dos aforismos 277

Índice remissivo 295

Sobre o autor e o tradutor 309

PRÓLOGO

1. Devemos falar apenas do que não podemos calar; e falar somente daquilo que *superamos* — todo o resto é tagarelice, “literatura”, falta de disciplina. Meus escritos falam *apenas* de minhas superações: “eu” estou ali, com tudo que me era hostil, *ego ipsissimus* [meu próprio eu], até mesmo, se me permitem uma expressão mais orgulhosa, *ego ipsissimum* [meu mais íntimo eu]. Já se adivinha: eu tenho muito — *abaixo* de mim... Mas sempre foi necessário antes o tempo, a convalescença, a distância, até que em mim nascesse o desejo de explorar, esfolar, desnudar, “apresentar” (ou como queiram chamá-lo) posteriormente, para o conhecimento, algo vivido e sobrevivido, algum fato ou fado próprio. Nesse sentido, todos os meus escritos, com uma única e substancial exceção, devem ser *retrodatados* — eles sempre falam do que “deixei para trás” —: alguns, como as três primeiras *Considerações extemporâneas*, até anteriormente ao período de gestação e vivência de um livro editado antes (do *Nascimento da tragédia*, no caso: como um observador e cotejador sutil não deixará de perceber). Aquela irada irrupção contra a patriotice, o comodismo e o abastardamento da linguagem do envelhecido David Strauss, o conteúdo da primeira Extemporânea, deu vazão a estados de espírito com que me achava muito antes, ainda estudante, em meio à cultura e ao filistinismo cultural dos alemães (reivindico a paternidade da expressão “filisteu da cultura”, agora bastante usada e abusada —); e o que disse contra a “enfermidade histórica”, disse como alguém que de forma lenta e laboriosa aprendeu a dela se curar, e que absolutamente não se dispunha a renunciar à “história” porque havia sofrido com ela. Logo depois, na terceira *Consideração extemporânea*, quando expressei minha reverênciça por meu primeiro e único educador, o gran-

de Arthur Schopenhauer — agora eu a expressaria de maneira ainda mais forte e mais pessoal —, eu já estava, quanto à minha pessoa, em pleno ceticismo e decomposição moral, ou seja, tanto na crítica como no aprofundamento de todo pessimismo até então havido — e não acreditava “em mais nada”, como diz o povo, nem em Schopenhauer: justamente então escrevi algo que mantive inédito, “Sobre verdade e mentira no sentido extramoral”. Mesmo o meu discurso em celebração de Richard Wagner, por ocasião do triunfo de Bayreuth, em 1876 — Bayreuth foi o maior triunfo que um artista jamais alcançou —, uma obra que tem a mais forte aparência de “atualidade”, significava, no fundo, homenagem e gratidão a uma parte de meu passado, à mais bela e também mais perigosa calmaria do meu percurso... e, na realidade, um desprendimento, uma despedida. (Terá o próprio Richard Wagner se iludido quanto a isso? Não creio. Enquanto ainda amamos, não pintamos quadros assim; ainda não “observamos”, não nos colocamos de tal maneira à distância, como tem de fazer o observador. “Observar já implica uma misteriosa oposição, aquela de quem encara” — diz-se à página 46^a daquele ensaio mesmo, numa reveladora e melancólica frase, talvez destinada a bem poucos ouvidos.) A serenidade para poder falar de longos anos intermediários de íntima solidão e privação me veio apenas com o livro *Humano, demasiado humano*, ao qual é dedicado também este segundo prólogo-apologia. Sendo um “livro para espíritos livres”, nele há algo da frieza quase jovial e curiosa do psicólogo, a qual posteriormente constata e, por assim dizer, *espeta* com uma agulha várias coisas dolorosas que ele tem *abaixo* de si, *atrás* de si: — surpreende que, num trabalho assim picante e espinhoso, ocasionalmente seja vertido algum sangue, que o psicólogo tenha sangue nos dedos — e não apenas nos dedos?...

2. Tanto as *Opiniões e sentenças diversas* como *O andarilho e sua sombra* foram editados primeiro *separadamente*, como continuações e apêndices do mencionado humano, demasiado humano “Livro para espíritos livres”: continuação e reiteração, ao mesmo tempo, de uma cura espiritual, ou seja, do tratamento

antirromântico que meu próprio instinto, permanecendo sadio, inventara e prescrevera para mim, contra um adoecimento temporário da mais perigosa forma de romantismo. Que agora, após seis anos de convalescença, as mesmas obras sejam bem acolhidas juntas, como o segundo volume de *Humano, demasiado humano*: tomadas conjuntamente, talvez transmitam de modo mais nítido e forte o seu ensinamento — uma doutrina de saúde, que pode ser recomendada como *disciplina voluntatis* [disciplina da vontade] às naturezas mais espirituais da geração que agora ascende. Nelas fala um pessimista que frequentemente ficou exasperado, fora de si, mas sempre voltou a si, um pessimista, portanto, com boa vontade em relação ao pessimismo — e, assim, não mais um romântico: como? um espírito versado na serpentina arte de mudar de pele não deveria poder dar uma lição aos pessimistas de hoje, que ainda se acham todos eles sob o perigo do romantismo? E ao menos lhes mostrar como — se faz?...

3. — De fato, já era tempo de *dizer adeus*; e logo tive a prova disso. Richard Wagner, aparentemente o grande vitorioso, na verdade um romântico desesperado e emurchedido, prostrou-se repentinamente diante da cruz cristã, desamparado e alquebrado...² Será que nenhum alemão teve então, para esse horrendo espetáculo, olhos no rosto, simpatia³ na consciência? Fui eu o único que com ele — sofreu? Não importa, para mim esse evento inesperado iluminou como um raio o lugar que eu havia deixado — e me incutiu o terror *a posteriori* que sente todo aquele que inconscientemente passou por um tremendo perigo. Ao prosseguir viagem, sozinho, eu tremia; não muito tempo depois, eu estava doente, mais que doente, cansado, pela invencível desilusão com tudo o que a nós, homens modernos, nos restava para nosso entusiasmo: energia, trabalho, esperança, juventude, amor, em toda parte *dissipados*; cansado por nojo ao que há de feminino e fanático-irrefreado nesse romantismo, a toda a idealista mendacidade e abrandamento de consciência que aí mais uma vez triunfou sobre um dos mais valentes; cansado, enfim, e em não menor medida, pelo desgosto de uma

inxorável suspeita — de que, após essa desilusão, eu estaria condenado a desconfiar mais profundamente, desprezar mais profundamente, ser mais profundamente só do que até então. Minha *tarefa* — onde estava ela? Como? Não parecia então que minha tarefa recuava diante de mim, que por muito tempo eu não mais tinha direito a ela? Que fazer para suportar *essa*, a maior das privações? — Comecei por me *proibir*, radicalmente e por princípio, toda música romântica, essa arte ambígua, sufocante, fanfarrona, que despoja o espírito de todo rigor e contentamento e faz vicejar toda espécie de vago desejo, de esponjoso anseio. “*Cave musicam*” [Cuidado com a música] é meu conselho, ainda hoje, a todos aqueles viris o bastante para fazer questão de asseio nas coisas do espírito; essa música enerva, amolece, feminiza, seu “eterno-feminino” nos atrai — para baixo!...⁴ Contra a música romântica voltava-se então minha primeira suspeita, minha cautela seguinte; e, se eu ainda esperava algo da música, isso se dava na expectativa de que aparecesse um músico suficientemente ousado, util, malicioso, meridional e transbordante de saúde para vingar-se imortalmente dessa música. —

4. Solitário, então, e tristemente desconfiado de mim, tomei, não sem alguma raiva, partido *contra* mim e *a favor* de tudo o que precisamente me feria e me era penoso: — desse modoachei novamente o caminho para o valente pessimismo que é o oposto de toda mendacidade romântica, e também, como hoje me parece, o caminho para “mim” mesmo, para *minha* tarefa. Esse oculto e imperioso algo, para o qual durante muito tempo não temos nome, até que finalmente prova ser nossa *tarefa* — esse tirano dentro de nós exerce uma terrível represália a cada tentativa que fazemos de evitá-lo ou dele escapar, a cada prematura resignação, a toda equiparação àqueles que nos são alheios, a toda atividade, ainda que respeitável, que nos distraia de nosso tema principal, e mesmo a toda virtude que nos proteja do rigor de nossa responsabilidade mais própria. A doença é a resposta, cada vez que queremos duvidar do direito à *nossa* tarefa — que

começamos a tornar as coisas mais fáceis para nós. Algo peculiar e terrível ao mesmo tempo! As *facilidades* que nos damos, eis o que temos de pagar mais duramente! E, se depois queremos retornar à saúde, não nos resta escolha: temos de assumir uma carga *mais pesada* do que a que levávamos antes...

5. — Somente então aprendi esse falar de eremita, do qual apenas os mais silenciosos e mais sofredores entendem: falava para não sofrer do silêncio, sem testemunhas, ou melhor, indiferente a testemunhas, falava de coisas que não me diziam respeito, mas como se me dissessem respeito. Aprendi, então, a arte de *parecer* jovial, objetivo, curioso, sobretudo sadio e maliicioso — e num doente isso é, quer me parecer, o seu “bom gosto”. A um olhar e uma simpatia refinados não escapará, no entanto, aquilo que talvez seja o encanto desses escritos — que ali fala um homem sofredor e abstinente, como se *não* fosse um sofredor e abstinente. Ali *deve* ser mantido o equilíbrio, a serenidade, até mesmo a gratidão para com a vida, ali reina uma vontade severa, orgulhosa, sempre vigilante e suscetível, que se colocou a tarefa de defender a vida *contra* a dor e de abater todas as conclusões que, na dor, na desilusão, no fastio, na solidão e outros terrenos pantanosos, costumam medrar como fungos venenosos. Talvez isso ofereça justamente aos nossos pessimistas algumas indicações para o exame de si próprios? — pois foi então que arranquei de mim esta frase: “um sofredor não tem *direito* ao pessimismo!”, foi então que conduzi dentro de mim uma árdua e paciente campanha contra a nada científica tendência básica de todo pessimismo romântico para inflar, interpretar experiências pessoais como julgamentos gerais e mesmo condenações do mundo... em suma, eu então *virei* meu olhar. Otimismo para fins de restabelecimento, para algum dia *poder* voltar a ser pessimista — compreendem? Assim como um médico põe seu enfermo num ambiente inteiramente alheio, para que seja subtraído a todo o seu “até então”, suas preocupações, relações de amizade, cartas, deveres, tolices e tormentos da memória, e aprenda a estender as mãos e os sentidos para uma nova alimen-

tação, um novo sol, um novo futuro, eu também me impus um *clima da alma* inverso e inexplorado, ou seja, uma peregrinação ao estrangeiro, ao alheio, uma curiosidade por toda espécie de alheio... Seguiu-se um longo vagar, buscar, trocar, uma aversão a todo fixar-se, a todo rude afirmar e negar; e igualmente uma dietética e disciplina que pretendeu tornar o mais fácil possível, para o espírito, correr longe, voar alto, sobretudo prosseguir voando. De fato, um mínimo de vida, um desprendimento de todo apetite mais grosseiro, uma independência em meio a toda circunstância desfavorável, juntamente com o orgulho de poder viver em tais circunstâncias; algum cinismo talvez, algum “barril”,⁵ mas também, certamente, muita felicidade caprichosa, vivacidade caprichosa, muita quietude, luz, refinada tolice, oculta exaltação — tudo isso resultou, enfim, num grande fortalecimento espiritual, numa crescente alegria e abundância de saúde. A própria vida nos recompensa por nossa tenaz vontade de vida, por uma demorada guerra como a que em mim travei contra o pessimismo do cansaço de vida, e já por qualquer atencioso olhar de nossa gratidão, que não deixa escapar a menor, mais delicada, mais transitória dádiva da vida. Por fim recebemos as suas dádivas grandes, talvez também a maior que ela pode conceder — recebemos de volta *a nossa tarefa*. — —

6. Deveria minha vivência — a história de uma enfermidade e uma cura, pois terminou numa cura — ser apenas minha vivência pessoal? E apenas o que é meu “humano, demasiado humano”? Hoje quero acreditar o oposto; em mim avulta a confiança de que, afinal, meus livros peregrinos não foram redigidos apenas para mim, como às vezes parecia —. É-me permitido agora, após seis anos de crescente confiança, mandá-los novamente em viagem, a título de experiência? Posso recomendá-los especialmente ao coração e aos ouvidos daqueles que são acometidos de algum “passado” e têm ainda espírito bastante para sofrer também do *espírito* de seu passado? Mas sobretudo a vocês, para quem a coisa é mais difícil, vocês, raros, que mais correm perigo, mais espirituais, mais corajosos, que têm de ser

a *consciência* da alma moderna e, como tal, têm de possuir a *ciência* dela, nos quais se reúne o que hoje existe de doença, veneno e perigo — cuja sina é terem de ser mais doentes do que qualquer indivíduo, pois não são “apenas indivíduos”..., cujo consolo é saber — ah! e percorrer — o caminho para uma *nova* saúde, uma saúde de amanhã e depois de amanhã, vocês, predestinados, vitoriosos, superadores do tempo, saudabilíssimos, fortíssimos, vocês, *bons europeus!* — —

7. — Para enfim expressar numa fórmula minha oposição ao *pessimismo romântico*, isto é, ao pessimismo dos abstinentes, malogrados, vencidos: existe uma vontade de trágico e de pessimismo que é a marca tanto do rigor como da força do intelecto (do gosto, do sentimento, da consciência). Não tememos, com essa vontade no coração, o que há de temível e duvidoso em toda existência: nós até o buscamos. Por trás dessa vontade se encontra a coragem, o orgulho, o anseio por um *grande* inimigo. — Esta foi a *minha* perspectiva pessimista desde o começo — uma perspectiva nova, ao que me parece? Uma que ainda hoje é nova e estranha? Até esse instante me atenho a ela, e, se acreditam em mim, tanto por mim como, ocasionalmente, *contra* mim... Querem primeiramente a prova disso? Mas o que seria este prólogo senão — esta prova?

Sils-Maria, Alta Engadina, setembro de 1886

Primeira parte

OPINIÕES E SENTENÇAS DIVERSAS

1. *Aos desiludidos da filosofia.* — Se vocês acreditaram no supremo valor da vida e agora se acham desiludidos, precisam desfazer-se dela pelo preço mais baixo?

2. *Mal-acostumado.* — Também a clareza dos conceitos pode acostumar mal: como se torna então repulsivo o trato com os vagos, nebulosos, cheios de afã e de pressentimento! Como tem efeito risível, mas não divertido, o seu eterno revoltear e arremeter sem conseguir voar e prender!

3. *Os pretendentes da realidade.* — Quem finalmente percebe como e por quanto tempo foi enganado, abraça, por despeito, até a realidade mais feia: de modo que, vendo-se a marcha do mundo em seu conjunto, a esta couberam, em todas as épocas, os melhores de todos os pretendentes — pois os melhores sempre foram melhor e mais longamente iludidos.

4. *Progresso do livre-pensar.* — Não se pode ilustrar melhor a diferença entre o livre-pensar de ontem e o de hoje do que recordando aquela frase que exigiu toda a intrepidez do século passado para ser compreendida e enunciada, mas que, medida pelo discernimento atual, reduz-se a uma involuntária ingenuidade — refiro-me à frase de Voltaire: “*Croyez-moi, mon ami, l'erreur aussi a son mérite*” [Acredite, meu amigo, também o erro tem seu mérito].

5. *Um pecado original dos filósofos.* — Em todas as épocas os filósofos se apropriaram das teses dos perscrutadores de homens (moralistas) e as *estragaram*, tomando-as incondicionalmente e

querendo demonstrar como necessário o que eles viam apenas como indicação aproximada ou como verdade de uma década, própria de uma região ou cidade — quando justamente dessa forma acreditavam se pôr acima deles. Assim, na base das célebres doutrinas schopenhauerianas do primado da vontade sobre o intelecto, da imutabilidade do caráter, da negatividade do prazer — que são todas erradas, tais como seu autor as entendia — encontraremos verdades populares, assentadas pelos moralistas. Já o termo “vontade”, que Schopenhauer converteu em designação comum de muitos estados humanos e inseriu numa lacuna da língua, com grande vantagem para si mesmo, enquanto moralista — pois ficou livre para falar da “vontade” tal como Pascal havia dela falado —, já a “vontade” de Schopenhauer resultou numa desgraça para a ciência em suas mãos, graças ao furor filosófico da generalização: pois dessa vontade faz-se uma metáfora poética, quando se afirma que todas as coisas da natureza teriam vontade; por fim, com o objetivo de aplicá-la em toda espécie de disparate místico, foi mal utilizada para uma reificação falsa — e todos os filósofos da moda repetem e parecem saber exatamente que todas as coisas têm *uma* vontade, e mesmo que são *essa* vontade (o que, segundo a descrição que se faz dessa vontade-toda-uma, significa tanto quanto querer absolutamente o *estúpido Diabo* como Deus).

6. Contra os fantasiosos. — O fantasioso nega a verdade para si mesmo; o mentiroso, apenas para os outros.

7. Hostilidade à luz. — Se tornamos claro para alguém que, a rigor, ele não pode jamais falar da verdade, mas somente da probabilidade e seus graus, habitualmente descobrimos, pela franca alegria daquele que esclarecemos, o quanto as pessoas preferem a incerteza do horizonte intelectual e como, no fundo da alma, *odeiam* a verdade por sua indeterminação. — Seria pelo fato de todas temerem secretamente que a luz da verdade lhes caia em cima com demasiada clareza? De quererem parecer algo, portanto não se deve saber exatamente o que *são*? Ou seria apenas aversão à luz demasiado clara, a que não estão habituadas

suas crepusculares e facilmente ofuscadas almas de morcego, de modo que precisam odiá-la?

8. *Ceticismo cristão.* — Atualmente gostam de apresentar Pilatos, com sua pergunta “Que é a verdade?”,⁶ como advogado de Cristo, a fim de suspeitar de tudo conhecido e cognoscível como sendo aparência e de erguer a Cruz no terrível pano de fundo do não-poder-saber.

9. *A “lei da natureza”, fórmula da superstição.* — Se vocês falam tão entusiasticamente da regularidade das leis da natureza, ou têm de supor que todas as coisas naturais seguem a sua lei por livre obediência, que por si mesma se submete — nesse caso admiram então a moralidade da natureza —; ou os encanta a ideia de um mecânico criador que fez o mais engenhoso relógio, com seres vivos como ornato. — A necessidade na natureza, com a expressão “conformidade à lei”, torna-se mais humana e um último refúgio dos devaneios mitológicos.

10. *Dobrada à história.*⁷ — Os filósofos encobridores e escudadores do mundo, ou seja, todos os metafísicos de maior ou menor estofo, são tomados de dores nos olhos, ouvidos e dentes, quando começam a suspeitar que há algo verdadeiro na tese de que a filosofia inteira se dobra à história a partir de agora. É perdoável, por causa de suas *dores*, que eles joguem pedras e lama naquele que assim fala: mas o ensinamento pode, com isso, ficar sujo e repugnante e não ter efeito por algum tempo.

11. *O pessimista do intelecto.* — O verdadeiramente livre no espírito também pensará livremente sobre o espírito mesmo, e não esconderá de si algumas coisas terríveis quanto à origem e direção dele. Por isso os outros talvez o considerem o pior inimigo do livre-pensar e lhe apliquem o nome injurioso e apavorante de “pessimista do intelecto”: habituados, como são, a não designar alguém por sua força e virtude proeminente, mas por aquilo que para eles é mais estranho nele.

12. Mochila dos metafísicos. — Não se deve absolutamente responder àqueles que se gabam da científicidade de sua metafísica; basta dar um puxão no fardo que, um tanto envergonhados, levam escondido nas costas; se chegamos a abri-lo, vêm à luz, fazendo-os enrubescer, os resultados desta científicidade: um pequeno Deus Nossa Senhor, uma graciosa imortalidade, talvez algum espiritismo e, em todo caso, um confuso amontoado de miséria-de-pobres-pecadores e arrogância de fari-seus.

13. Eventual nocividade do conhecimento. — A utilidade que a incondicional pesquisa do verdadeiro traz consigo é continuamente demonstrada de tantas formas, que é preciso aceitar sem hesitação a nocividade mais rara e sutil que os indivíduos têm de sofrer por causa dela. Não podemos impedir que ocasionalmente o químico se envenene e se queime nos seus experimentos. — O que vale para o químico, vale para toda a nossa cultura: de que resulta claramente, diga-se de passagem, o quanto ela deve munir-se de bálsamos para queimaduras e de uma constante provisão de antídotos.

14. Necessidade de filisteu. — O filisteu acredita necessitar mais que tudo de um pano púrpura ou turbante de metafísica, e não quer absolutamente deixá-lo cair; no entanto, as pessoas o achariam menos ridículo sem esse adorno.

15. Os fanáticos. — Em tudo o que dizem em favor de seu evangelho ou de seu mestre, os fanáticos defendem a si mesmos, por mais que assumam ares de juízes (e não de acusados), pois involuntariamente e a quase todo instante eles são lembrados de serem exceções que têm de se legitimar.

16. O que é bom induz a viver. — Todas as coisas boas são fortes estimulantes para a vida, mesmo todo bom livro escrito contra a vida.

17. Felicidade do historiador. — “Quando ouvimos os engenhosos metafísicos e trasmundanos⁸ falarem, sentimos, é verdade, que somos os ‘pobres de espírito’, mas também que nosso é o reino celeste da mudança, com outono e primavera, inverno e verão, e deles é o mundo de trás, com suas cinzentas, gélidas, infinitas névoas e sombras.” — Assim falou consigo um homem, num passeio ao sol da manhã: um homem no qual não só o espírito se transformou ao estudar a história, mas também o coração, e que, ao contrário dos metafísicos, está feliz em não abrigar em si “uma alma imortal”, mas *muitas almas mortais*.

18. Três tipos de pensadores. — Existem as fontes minerais que fluem, as que brotam e as que gotejam; e, de modo correspondente, há três tipos de pensadores. O leigo os avalia conforme o volume da água, e o conhecedor, pelo teor da água, ou seja, pelo que justamente não é água neles.

19. O quadro da vida. — A tarefa de pintar *o* quadro da vida, por mais que tenha sido proposta pelos escritores e filósofos, é absurda: mesmo pelas mãos dos maiores pintores-pensadores sempre surgiram apenas quadros e miniaturas de uma vida, isto é, da sua vida — e outra coisa também não seria possível. Naquilo que está em devir, um ser em devir não pode se refletir como algo firme e duradouro, como um “o”.

20. A verdade não quer deuses a seu lado. — A fé na verdade começa com a dúvida em relação a todas as “verdades” até então acreditadas.

21. Onde o silêncio é requerido. — Quando se fala do livre-pensar como de uma perigosa expedição por geleiras e mares glaciais, aqueles que não querem tomar esse caminho se offendem, como se fossem recriminados por hesitação e joelhos fracos. As dificuldades que não nos sentimos capazes de afrontar não devem sequer ser lembradas em nossa presença.

22. *Historia in nuce* [A história em resumo]. — A mais séria paródia que jamais ouvi foi esta: “No começo era o absurdo, e o absurdo era, por Deus!, e Deus (divino) era o absurdo”.⁹

23. *Incurável*. — Um idealista é incorrigível: se é jogado fora do seu céu, faz do inferno um ideal. Deceptionem-no, e vejam! — ele abraçará a decepção não menos fervorosamente do que pouco antes abraçou a esperança. Na medida em que sua tendência está entre as grandes tendências incuráveis da natureza humana, ele pode acarretar destinos trágicos, e depois tornar-se objeto de tragédias: as quais se ligam justamente ao que é incurável, inelutável, inescapável na sina e no caráter humanos.

24. *O aplauso mesmo como prosseguimento do espetáculo*. — Olhos radiantes e sorriso benévolos são o tipo de aplauso concedido à grande comédia do mundo e da vida — mas são, ao mesmo tempo, uma comédia dentro da comédia, que deve induzir os outros espectadores ao “*plaudite amici*” [aplaudam, amigos].¹⁰

25. *Coragem de ser tediioso*. — Quem não tem a coragem de deixar que considerem tediosas a sua pessoa e a sua obra, certamente não é um espírito de primeira categoria, nas artes ou nas ciências. — Um homem zombador, que excepcionalmente fosse também um pensador, poderia acrescentar, olhando para o mundo e a história: “Deus não teve essa coragem; ele quis fazer as coisas todas muito interessantes e fez”.

26. *Tirado da mais íntima experiência do pensador*. — Nada é mais difícil para o ser humano do que apreender impessoalmente uma coisa: quero dizer, ver nela justamente uma coisa e não uma pessoa; pode-se até mesmo perguntar se é possível, para ele, desligar por um só instante o mecanismo de seu impulso construtor, criador de pessoas. Mesmo os *pensamentos*, inclusive os mais abstratos, ele trata como se fossem indivíduos que devemos combater, a quem temos de nos aliar, de quem é preciso

cuidar, que é necessário proteger, alimentar. Espreitemos e escutemos a nós mesmos naqueles instantes em que ouvimos ou achamos uma proposição que é uma novidade para nós. Talvez ela nos desgrade, por se apresentar tão altiva e soberana: inconscientemente nos perguntamos se não podemos lhe pôr ao lado, como inimiga, uma proposição contrária; se não lhe podemos juntar um “talvez”, um “por vezes”; até o adverbiozinho “provavelmente” nos satisfaz, pois quebra a incômoda tirania do incondicional. Se, por outro lado, essa nova proposição se avizinha de modo mais suave, delicadamente tolerante e humilde, e caindo nos braços da contradição, por assim dizer, então experimentamos um outro teste de nossa soberania: não podemos ir em socorro deste ser frágil, acariciá-lo e alimentá-lo, dar-lhe força e plenitude, conferir-lhe verdade e até mesmo incondicionalidade? É possível nos comportarmos de forma paternal, cavalheiresca ou compassiva em relação a ela? — Então vemos novamente um juízo aqui e um juízo ali, separados um do outro, sem se olharem, sem se movimentarem um em direção ao outro: e somos tentados pela ideia de que aí há um casamento a fazer, uma *conclusão* a tirar, com o pressentimento de que, produzindo-se uma sequência dessa conclusão, não apenas os dois juízos ligados maritalmente receberão a honra por isso, mas também aquele que arranjou o casamento. Mas, se nem pela via do desafio e da malevolência nem pela da benevolência podemos ter algo contra esse pensamento (se o consideramos *verdadeiro* —), então nos submetemos a ele e o homenageamos como chefe e duque, damos-lhe assento de honra e a ele nos referimos com orgulho e pompa: pois no seu brilho também brilhamos nós. Infeliz daquele que pretender ofuscar esse brilho; a menos que um dia ele mesmo se nos torne problemático: — então nós, incansáveis “fazedores de reis” (*king-makers*) da história do espírito, derrubamo-lo do trono e rapidamente entronizamos o seu rival. Pondere-se isso, e reflita-se um pouco mais: certamente ninguém falará ainda de um “instinto de conhecimento em si”! — Por que, então, o ser humano prefere o verdadeiro ao não verdadeiro, nesta luta *secretâ* com pensamentos-pessoas, nesse

geralmente oculto matrimônio de pensamentos, fundação de Estados de pensamentos, educação infantil de pensamentos, assistência a pobres e doentes de pensamentos? Pela mesma razão por que exerce a justiça no trato com pessoas reais: *agora* por hábito, hereditariedade e treino, *originalmente* porque o verdadeiro — como também o justo e natural — é *mais útil* e *mais honroso* do que o não verdadeiro. Pois no reino do pensamento dificilmente se afirmam o *poder* e a *reputação* erguidos com base no erro e na mentira: a sensação de que um tal edifício pode ruir a qualquer momento é *humilhante* para a autoconsciência do arquiteto; ele se envergonha da fragilidade de seu material, e, por dar a si próprio *mais importância* do que ao resto do mundo, gostaria de não fazer nada que não fosse *mais duradouro* do que o resto do mundo. Na ânsia de verdade ele abraça a crença na imortalidade pessoal, isto é, o mais soberbo e obstinado pensamento que existe, irmanado que é ao pensamento recôndito “*pereat mundus, dum ego salvus sim!*” [que o mundo pereça, contanto que me salve eu!].¹¹ Sua obra tornou-se-lhe seu *ego*, ele converte a si mesmo no intransitório, no que tudo desafia. É seu orgulho incomensurável que deseja utilizar apenas as melhores e mais duras pedras na obra, ou seja, verdades, ou o que ele considera como tal. A *soberba* sempre foi denominada, com justiça, “o vício do homem do conhecimento” — mas sem a mola deste vício¹² as coisas estariam mal na Terra para a verdade e seu prestígio. No fato de *temermos* nossos próprios pensamentos, conceitos, palavras, mas de neles também *honrarmos* a nós mesmos, de involuntariamente lhes atribuirmos a força de poder nos recompensar, desprezar, louvar e censurar, ou seja, no fato de com eles tratarmos como se fossem livres pessoas inteligentes, poderes autônomos, como iguais com iguais — nisso tem sua raiz o peculiar fenômeno que chamei de “consciência intelectual”. — Desse modo, também aí brotou, de uma raiz vulgar, algo moral de espécie superior.

27. Os obscurantistas. — O essencial, na arte negra do obscurantismo, não é que queira escurecer as mentes, mas que queira

denegrir nossa imagem do mundo, *obscurecer nossa concepção da existência*. Para isso recorre frequentemente, é verdade, ao meio que consiste em estorvar o esclarecimento dos espíritos; mas às vezes emprega justamente o meio oposto, buscando gerar um *fastio* com os frutos do intelecto mediante o supremo refinamento deste. Metafísicos sutis, que preparam o caminho para o ceticismo e, com sua desmedida perspicácia, exortam à desconfiança em relação à perspicácia, são bons instrumentos de um refinado obscurantismo. — Será que mesmo Kant pode ser utilizado com esse propósito? E que ele *quis*, conforme sua própria infame declaração, algo desse tipo, ao menos provisoriamente: abrir caminho à fé, mostrando ao *saber* os seus limites? — o que certamente não conseguiu, nem ele nem seus sucessores nas trilhas de lobo e raposa desse obscurantismo altamente requintado e perigoso, o mais perigoso mesmo: pois a arte negra aparece aí num invólucro de luz.

28. Com que tipo de filosofia se estraga a arte. — Quando as névoas de uma filosofia místico-metáfísica chegam a tornar *opacos* todos os fenômenos estéticos, segue-se que eles também ficam não *avaliáveis* entre si, pois cada qual se torna inexplicável. Mas, se não podem mais ser comparados um ao outro para fins de avaliação, surge enfim uma total *ausência de crítica*, uma cega tolerância; e daí também um constante decréscimo na *fruição* da arte (que se distingue da crua satisfação de uma necessidade apenas através de um provar e distinguir bastante aguçado). Quanto mais diminui a fruição, porém, tanto mais o anseio por arte se transforma e volta a ser uma fome vulgar, que o artista busca saciar com alimento cada vez mais grosseiro.

29. Em Getsêmani. — A coisa mais dolorosa que o pensador pode falar aos artistas é: “Então não podeis *velar comigo* nem uma hora?”¹³

30. No tear. — Contra os poucos que têm prazer em desatar os nós das coisas e desmanchar sua trama, há muitos (todos os